

MEMORIAL DE AIRES: TEMPO DE REVIVER*Memorial of Aires: time to relive*Joel Cardoso¹Maria Domingas Ferreira de Sales²

RESUMO: O artigo se propõe a fazer uma abordagem sobre o Tempo na obra *Memorial de Aires*, de Machado de Assis. São preponderantes nesta modalidade de texto os aspectos referentes ao Tempo, não apenas como elemento peculiar da narrativa, mas também como tematização da última obra escrita pelo mestre carioca, considerando-se, ainda, a carga semântica que traz em si o termo “memorial”. Trata-se de uma breve reflexão baseada nos estudos de Octavio Paz, Gaston Bachelard. Jeanne Marie Gagnebin, a propósito da leitura sobre Walter Benjamin e de pressupostos sobre *Tempo e Memória*, de Raul Castagnino, tomados para demonstrar que o *Memorial de Aires*, como representação do constante diálogo entre passado, presente e futuro, integra tais dimensões no conjunto do que chamamos obra literária. O Tempo, portanto, como instância constitutiva da ficção, confere à narrativa proporções maiores, reitera as amarras existentes entre a memória e a imaginação. É o elemento ativo propulsor dos fatos, construtor da história.

PALAVRAS-CHAVE: Machado de Assis; *Memorial de Aires*; tempo, narrativa e memória.

ABSTRACT: The article proposes to make an approach on Time in the *Memorial of Aires*, by Machado de Assis. Preponderant in this modality of text are aspects related to Time, not only as a peculiar element of the narrative, but also as the thematization of the last work written by the Rio de Janeiro master, considering also the semantic load that carries in itself the term “memorial”. This is a brief reading based on the studies of Octavio Paz, Gaston Bachelard, Jeanne Marie Gagnebin, about the reading about Walter Benjamin and the assumptions about *Time and Memory*, Raul Castagnino, taken to demonstrate that *Memorial of Aires* as a representation of the constant dialogue between past, present and future, integrates such dimensions into the whole of what we call literary work. Time, therefore, as a constitutive instance of fiction, gives the narrative greater proportions, reiterates the bonds between memory and imagination. It is the active element propelling the facts, builder of history.

KEYWORDS: Machado de Assis; *Memorial of Aires*; time, narrative and memory.

¹ Pós-Doutor em Artes, Doutor em Literatura Brasileira (UNESP-SJRP-SP) e Intersemiótica (Munique, Alemanha); Mestre em Teoria da Literatura (UFJF-MG); docente do Instituto de Ciências da Arte (ICA-UFPA, no Programa de Pós-Graduação em Artes (Mestrado e Doutorado).

² Professora da Faculdade de Letras, da UFPA, Câmpus Universitário de Breves, Mestre em Estudos Literários (UFPA).

Somente a tentativa de parar o tempo pode permitir a uma outra história vir à tona.

Jeanne Marie Gagnebin. In: *História e Narração em Walter Benjamin*

A primeira obra do mestre Machado de Assis, inaugurando a estética realista em literatura em nosso país, foi *Memórias Póstumas de Brás Cubas* (1881). A última obra do autor foi *Memorial de Aires*. As obras inicial e final, até pelos nomes, referem-se à memória, ao narrar de teor memorialístico. Cumpre, aqui, destacar que recordar é evocar, lembrar novamente. Apresenta, intrinsecamente um aspecto crítico, mais que isso, autocrítico e reflexivo. Ao se referir a Marcel Proust, Walter Benjamin (1993) afirma que “o importante, para o autor que recorda, não é o que ele viveu, mas o tecido de sua recordação” (BENJAMIN, 1993, p.37). O teórico, nesse sentido, está enfatizando menos a fábula que o discurso. O teor autobiográfico presente em *A la recherche du temps perdu* é afirmação consolidada, mas são as escolhas discursivas do seu autor que demarcam substancialmente a novidade literária.

Em *Memorial de Aires*, os caminhos não são diversos: Machado de Assis revive sua própria história sem, paradoxalmente, revivê-la. Como seria possível, então, narrar-se a si mesmo à distância? Seria isto possível sem as cómodas amarras da primeira pessoa? O autor preferiu uma estratégia diversa: só assim conseguiria dizer-se da forma como sempre fora. Ou seria? – para aproveitarmos o trocadilho do nome lido às avessas. No *Memorial*, faz-se possível observar o alvo de análise sob um foco duplo, isto é, de um lado, temos algumas imagens, produtos de um narrador-observador, testemunha viva e presente, sem os poderes da onisciência; de outro, acolhemos os fatos sob a perspectiva de um narrador em primeira pessoa, cujos atributos o impedem de se elevar à categoria de personagem principal. Assim, o narrador se autodefine não apenas pelo modo como conta os fatos por ele vividos, mas também pelas ações de suas personagens, imbricadas às suas e tão bem enfatizadas quanto se ele mesmo as tivesse realizado.

Mas não é este o foco da discussão que objetivamos empreender aqui. Há, certamente, um outro elemento que, sustentado pelas considerações acima tecidas, deve ganhar ênfase nas linhas a seguir. Trata-se do Tempo³:

³ A palavra Tempo aparece aqui desta forma grafada pela relevância do termo tomado nas suas várias acepções neste artigo.

fator preponderante em *Memorial de Aires*, não apenas pela carga semântica que o próprio termo Memorial comporta, ou por, num diálogo com toda a sua trajetória ficcional, ter sido o *Memorial de Aires* a última obra escrita pelo mestre carioca, ou ainda pelo formato de diário, modalidade que normalmente vem demarcada pelas datas, pela localização temporal (por vezes minuciosa) dos registros (fatos banais do cotidiano, meras lembranças, digressões reflexivas), mas, também, pela clara tematização do tempo que se observa no romance, sugerida por termos, como “ociosidade”, “saudade”, “morte”, “esquecimento”. Homem maduro, com um vasto cabedal de experiências, de leituras, os processos intertextuais se evidenciam reiteradamente. “Gastei o dia a folhear livros, e reli alguma cousa de Shelley e também de Thackeray. Um consolou-me do outro, este desenganou-me daquele; é assim que o engenho completa o engenho, e o espírito aprende as línguas do espírito” (ASSIS, p. 1402). As referências são desdobramentos do estado de espírito do narrador, que denotam, para além das reflexões interiores, preferências estético-literárias com as quais ele se identifica.

Quando Carlos Reis (1987) afirma que “a essência de certos gêneros narrativos, como a autobiografia ou as memórias, tem justamente que ver com a experiência humana do tempo, no seu devir irrefreável” (REIS, 1987, p. 386), ele nos mostra as implicações desses dois termos. Tempo e Memória, imbricados indissolivelmente, pressupõem movimento e ruptura, parada, retomada e, obviamente, continuidade das experiências humanas.

MEMORIAL: FICÇÃO OU CONFISSÃO?

Diários são história.

Haroldo Maranhão, In: *Memorial do Fim*

A todo memorial, via de regra, atribuímos um objetivo fundamental: conter informações sobre a vida de quem o redige. Espécie de autobiografia, ou, em se tratando desta obra, de uma pseudo-autobiografia, como pertinentemente apontou Augusto Meyer (1986). Mesmo assim, o autor de um memorial, ao escolher esse gênero discursivo, tácita e implicitamente, se propõe a assumir tal convenção, na medida em que expõe um narrador e os fatos por ele vivenciados. Até aí, podemos aceitar a obra apenas como ficção e sua não menos autorizada forma de “fingimento” subjetivo. Quando se observam, porém, em textos escritos sob esse formato elementos que aproximam a biografia do autor e a suposta vida do narrador, somos levados a aceitar duplamente que as páginas que os compõem apresentam certo teor autobiográfico. Desde o advento da Psicanálise sabemos que, explícita ou

implicitamente, consciente ou inconscientemente, de certa forma, o criador se projeta autobiograficamente na sua criação.

Quando nos defrontamos com uma obra denominada como autobiografia, como leitores, no ato da leitura, nós, via de regra, a tomamos como se fosse um relato ficcional, ou, atualizando os termos, como relatos autoficcionais. Mesmo que determinado autor intente transpor para uma obra literária os fatos por ele vividos, há que se contar com as distorções daquilo que é narrado. O tempo imaginado não será o mesmo tempo ocorrido ou, como confirma Burgelin (1970), “é preciso decidir-se a aceitar que a memória não é a conservação ou ressurreição do passado, sempre inova, transfigura o passado” (BURGELIN apud CASTAGNINO, 1970, p.58). Isto ocorre, principalmente, porque o tempo que se conta é narrado em outro momento, ou seja, o sujeito, que vive o presente e recorda, não poderá ser o mesmo sujeito que viveu o passado. E se a essa transfiguração involuntária são submetidas as experiências vividas e rememoradas pelo narrador, como as distinguirmos daquilo que denominamos como não-ficção?

Sobre *Memorial de Aires*, vejamos o que afirma José Guilherme Merquior:

Na verdade, Aires não é autor, é um pseudo-autor, que será algumas vezes substituído por uma voz narradora onisciente. É com essa mesma lucidez generosa que está escrito o seu “diário” – o *Memorial de Aires* (1908), testamento artístico de Machado de Assis. A fábula é tão ou mais escassa que a de *Esau e Jacó*. O retrato do casal Aguiar, que chega às bodas de prata tão unido, triste por não ter filhos, é um camafeu autobiográfico: a meiga D. Carmo é Carolina, cuja perda tanto abateu Machado”. (MERQUIOR, 1977, p.184)

Se assim considerarmos a última obra de Machado de Assis, será fácil pensarmos o autor como sujeito já maduro, relatando as aventuras e experiências vividas em um certo passado, já que o Conselheiro Aires, narrador autodiegético, não estaria colocado num tempo suficientemente distante em relação à história que relata. Ao denominar o relato como um diário, já nos fornece essa afirmação: o narrador vai anotando as suas impressões num momento imediatamente passado. Poderíamos supor, talvez, que as memórias seriam do próprio autor e não da sua personagem que se propõe a escrever um diário apenas para preencher os vazios provocados pelo tédio. Daí a importância de estabelecermos tais diferenças, para justamente

notificarmos o quanto estão imbricadas as duas instâncias a que designamos como autor e narrador.

Quanto ao tempo, percebemos que não poderíamos mencioná-lo sem alinhar essas questões, já que é no diálogo entre presente e passado que reside o “apelo compulsivo à vitória sobre o tempo, que é a derrota da morte, através da fascinante aventura do escrever” (MACHADO apud CASTAGNINO, 1970, I - prefácio).

O MEMORIAL EM SUA DUPLA TEMPORALIDADE

caminho a cegas pelos corredores
do tempo e subo e deço seus degraus,
suas paredes toco e não me movo,
volto onde comecei

Octavio Paz, 1988, p. 49.

O teórico francês Gerard Genete considera a existência de uma dupla temporalidade na narrativa: o tempo da diegese (história narrada) e o tempo da narração (discurso narrativo) (GENETE, 1979 apud AGUIAR E SILVA, 1990, p. 751-758).

Em *Memorial de Aires*, o tempo da diegese obedece a uma cronologia bem ao gosto da lógica: as datas grafadas diante de cada página do diário nos dão a medida certa do tempo que transcorre, sem direito a retornos. Sob esse aspecto, a fábula tem a duração aproximada de dois anos, ou supostamente de um ano e oito meses. Essa marcação temporal objetiva, entretanto, não diminui o caráter fragmentário e digressivo do discurso, assinalado pelas paradas obrigatórias ao final de cada unidade.

Quanto ao tempo da narração, observamos alguns aspectos que nos remetem à ordem e à duração do discurso. A ordem não aponta anacronias, pois o estilo do diário relata os fatos de forma sucessiva procurando fixar o momento em que acontecem. Este recurso aproxima o narrador do leitor no que tange à surpresa dos fatos: ambos comungam das mesmas expectativas em relação aos acontecimentos. E se há fatos anteriores que necessitam de explicitação, eles serão esclarecidos nos comentários do narrador. Tal estratégia parece bem aceitável, pois, além de pertencer à classe dos homens comuns, podendo, neste caso, justificar-se por lapsos da memória, o narrador conta, no diário, com a estratégia da presentificação dos fatos ocorridos, que o obrigará, não raro, a conhecer os fatos muito depois de sua ocorrência.

As relações de duração, por sua vez, exigem que o narrador do *Memorial* priorize o sumário: recurso natural para o gênero selecionado,

através do qual ele faz uso de anedotas, descrições e reflexões. E se tais características, em Machado de Assis, já se fazem presentes nas obras anteriores, no *Memorial*, essas impressões tornam-se quase que obrigatórias e suspendem, por vezes, o tempo da diegese, sem, no entanto, sacrificar o fluxo dos fatos. As várias digressões feitas pelo narrador espriam-se entre comentários breves que tece sobre si mesmo, ou do modo como o narrador vai absorvendo os acontecimentos, de forma aparentemente imparcial. Vale observar também a larga utilização do discurso direto pelo narrador. Este recurso, além de permitir ao leitor presenciar o fato, conferindo ao narrador a voz onisciente, minimiza, de certa forma, o tom confessional e subjetivo do diário. Marcado pela subjetividade que caracteriza a modalidade do gênero diário, no entanto, paradoxalmente, através da cena, o narrador opta por uma objetividade que, por vezes, reforça a voz impessoal da narrativa.

Outro ponto que certamente merece destaque são as elipses, dadas pelos dias não contados: a forma episódica, fragmentária que dá vida a esse tipo de relato faculta ao narrador a possibilidade de omissão de certos fatos, pois apesar de ser diário, tem o direito de anotar apenas o que lhe é pertinente ou, ao contrário, pode voltar a ele quantas vezes pretender no decurso de um dia.

Os aspectos acima observados reforçam a afirmação de Forster: “nunca é possível a um narrador negar o tempo dentro da estrutura de seu relato” (FORSTER, 1949 apud CASTAGNINO, 1970, p.55), uma vez que haverá sempre um tempo para contar ou um tempo que se viabiliza marcado pelo viés da narrativa.

ENTRE DATAS E LACUNAS...

O tempo possui uma direção, um sentido, por que ele nada mais é do que nós mesmos. O ritmo realiza uma operação contrária à operação dos relógios e dos calendários: o tempo deixa de ser medida abstrata e retorna ao que é: algo concreto e dotado de uma direção. Contínuo jorrar, perpétuo andar para frente, o tempo é um permanente transcender.

Octavio Paz, 1982, p. 69.

“Contar é eleger e excluir”. A afirmação de Tomas Mann nos dá o suporte literalmente necessário para explicar as datas inscritas e os períodos

não mencionados no diário de Aires. O período da história contada pelo Conselheiro tem a duração aproximada de 540 dias, mas, observando as visitas do narrador ao seu diário, deparamo-nos com 176 registros, o que é absolutamente aceitável nesse tipo de narrativa. Para se construir uma história, nem todos os fatos ou dados são necessários, ou ainda: que há fatos ocorridos que, por opção, não se podem contar. Em *Memorial de Aires*, as duas assertivas são aplicáveis, conforme anota o próprio Aires:

Eia, resumamos, hoje o que ouvi ao desembargador em Petrópolis acerca do casal Aguiar. Não ponho os incidentes, nem as anedotas soltas, e até excluo os adjetivos que tinham mais interesse na boca dele do que lhe poderia dar a minha pena; vão só os precisos à compreensão de cousas e pessoas. (ASSIS, 2003, p. 27)

Sete dias sem uma nota, um fato, uma reflexão; posso dizer oito dias, porque também hoje não tenho que apontar aqui. Escrevo isto só para não perder longamente o costume. (ASSIS, 2003, p. 62)

O narrador-personagem não poderia, certamente, narrar fatos que não presenciou ou de que não teve notícias. Esse narrador, mais observador que propriamente participante, pode contar com a fundamental participação de Rita, que, além de informante, é a pessoa com quem mantém longos diálogos, através dos quais pode construir e alinhar uma série de reflexões. Mas o que acontecera na casa dos Aguires nesse tempo em que duraram as ausências do Conselheiro Aires ou de Rita? É claro que depois de um curto ou longo período de ausências, Aires tenta recolher entre notícias e indícios as informações de que necessita para dar seguimento aos seus relatos, afinal, não poderia ele, narrador-personagem, fazê-lo de outro modo.

Poderíamos falar ainda de outras fissuras inerentes ao discurso narrativo, como bem assinala Jeanne Marie Gagnebin (1994), a propósito da leitura sobre Walter Benjamin: “O indício da verdade da narração não deve ser procurado no seu desenrolar, mas, pelo contrário, naquilo que ao mesmo tempo lhe escapa e a escande, nos seus tropeços e nos seus silêncios, ali onde a voz se cala e retoma fôlego”. (GAGNEBIN, 1994, p. 115)

Assim, o tempo contado no *Memorial* apresenta-se entrecortado pelas entrelinhas, pelos silêncios, pelas oscilações, pelas lacunas do que é narrado ou, ainda, pelas pausas obrigatórias do seu narrador.

Para Gaston Bachelard (2007), “a consciência do tempo é sempre, para nós, uma consciência da utilização dos instantes”, uma utilização que,

arquivando fatos, passagens, acontecimentos, “é sempre ativa, nunca passiva”. Ela, continuando a linha reflexiva do mesmo filósofo, demarcaria que “a consciência de nossa duração é a consciência de um progresso de nosso ser íntimo, seja de progresso efetivo, imitado ou, ainda, simplesmente sonhado (BACHELARD, 2007, p. 86).

E POR FALAR EM TEMPO...

Os estados de estranheza e reconhecimento, de repulsa e fascinação, de separação e união com o Outro, são também estados de solidão e comunhão conosco mesmos. Aquele que realmente está a sós consigo, aquele que se basta em sua própria solidão, não está só. A verdadeira solidão consiste em estar separado de seu ser, em ser dois. Todos estamos sós porque todos somos dois. O estranho, o outro, é nosso duplo.

Octavio Paz, 1982, p. 161.

Logo na primeira página de seu diário, diz o narrador: “Durante os meus trinta tantos anos de diplomacia algumas vezes vim ao Brasil com licença. O mais tempo vivi fora, em várias partes, e não foi pouco [...] Aqui estou, aqui vivo, aqui morrerei” (ASSIS, 2003, p. 15).

A confissão possibilita uma série de indagações que nos permitem relevar o aspecto da tematização do tempo em *Memorial de Aires*. Ao fazer referência a um período de trabalho cumprido, a um tempo vivido intensamente ou à ideia da morte futura, o narrador mostra-se reflexivo sobre questões demarcadas pela temporalidade. “Nos lazeres do ofício escrevia o Memorial, que apesar das páginas mortas ou escuras, apenas daria (e talvez dê) para matar o tempo da barca de Petrópolis” (ASSIS, 2003, p. 13). Estas são palavras do próprio autor ao referir-se ao Conselheiro Aires e o seu intento de escrever um diário. Nessas linhas, grafadas ainda na *Advertência* do *Memorial*, Machado de Assis trata da ociosidade: “matar o tempo” representa preenchê-lo com a atividade da leitura – ou seria também da escritura? “Nos lazeres do ofício escrevia o *Memorial*” implica tanto o prazer do escrever quanto, também, uma atividade produzida num tempo ocioso.

Convém considerarmos, ainda, que, pelo fato de o Conselheiro Aires ser um diplomata aposentado, ele procurava, nos seus momentos de

solidão, fazer algo para preencher o tempo como, por exemplo, visitar os amigos ou escrever um diário. Só isso já nos permitiria, indubitavelmente, considerar, no romance, a relevância atribuída ao Tempo, inserindo esse tempo como um dos pilares constitutivos da narrativa.

Outra referência indireta a esse tema é a presença da morte que perpassa pelas linhas da narrativa memorialística. Rememorar é driblar a morte, embora seja impossível olvidar a sua presença. Para Octavio Paz, “A morte é inseparável de nós. Não está fora: a morte é nós. Viver é morrer. A morte não é uma falta da vida humana, ao contrário, ela a completa. Viver é ir para diante, avançar para o desconhecido e este avançar é um ir ao encontro de nós mesmos. Portanto, viver é enfrentar a morte” (PAZ, 1982, p. 182).

É no cemitério, espaço dos grandes cotejos fúnebres, que se dá o primeiro grande motivo da trama. Talvez seja em decorrência da presença das viúvas Rita e Fidélia, constantemente delineadas pelo seu estado de viuvez, que torne as páginas do diário mais “mortas e escuras”. Os enterros de Santa Pia, pai de Fidélia, do leiloeiro Fernandes, do corretor Miranda são razões suficientes para reflexões sobre a morte e as suas possíveis marcas. Daí, encontrarmos, no romance, comentários não menos sugestivos: “Tão depressa enterrei o leiloeiro como o esqueci” (ASSIS, 2003, p. 46), “se os mortos vão depressa, os velhos ainda vão mais depressa que os mortos...” (ASSIS, 2003, p. 151), “Costumes e instituições: tudo perece” (ASSIS, 2003, p. 64). A morte, no *Memorial*, apesar de ser tomada, com certa sobriedade, garante um ar nostálgico, melancólico, quase funéreo do enredo, principalmente quando vem reforçada reiteradamente pelo termo “saudade”: saudades dos mortos, saudades de outros tempos, “saudade de si mesmo”.

Não é, portanto, sem razão que Augusto Meyer (1986), em referência ao último romance publicado por Machado de Assis, assinala: “o tema dominante do *Memorial de Aires* é a necessidade da renovação por esquecimento, a vida que apaga os vestígios do passado para renovar-se” (MEYER, 1986, p. 336). A renovação que se dá por esquecimento é clara em Fidélia para quem os anos de solidão foram a medida certa para apagar os “vestígios do passado” e possibilitar uma nova forma de vida, um novo tempo. Enquanto isso, o casal Aguiar, embalado pela eterna falta dos filhos, pode renovar-se pela “felicidade daqueles vinte e cinco anos de paz e consolação” (ASSIS, 2003, p. 23).

Aires, por sua vez, também precisa ter seu próprio tempo – os instantes da escritura – que exige certa imobilidade do tempo da diegese para inscrever-se como narrador, aquele que detém a palavra, aquele que é o fio condutor da narrativa. Mas é justamente nessas interrupções que, paradoxalmente, o hoje-passado se presentifica no eterno. O tempo preferencial de Aires ocorre geralmente à noite, momento de rever o dia (ou

seria revivê-lo?). É só na paz proporcionada pela noite que pode o narrador registrar, em tempo passado, o que ocorreu durante o dia. A esse mesmo tempo funde-se o espaço; um espaço que faculta ao narrador a possibilidade de um afastamento, de um distanciamento de tudo e de todos para, reflexivamente, fazer livremente as suas anotações, as suas digressões filosóficas, eivadas de um realismo irônico. Mas, enquanto Aires se recolhe para o seu ofício de diplomata aposentado, estão lá Fidélia e Tristão, o casal Aguiar, Cesária e outros prováveis figurantes, dando seguimento ativo à vida, não permitindo que tais personagens parem no tempo.

O tempo, portanto, como elemento constitutivo do discurso ficcional, confere a ele dimensão maior, reitera as amarras existentes entre a memória e a imaginação. Torna-se, nesse sentido, o elemento ativo propulsor dos fatos, construtor da história.

TEMPO, PALAVRA E SALVAÇÃO

oh vida por viver e já vivida,
tempo que em marulhos surdos retorna
e vai embora sem voltar o rosto,
o que passou não foi mas está sendo
e silenciosamente desemboca
num outro instante que desaparece:
Octavio Paz, 1988, p. 26

O prazer de grafar as datas, presentificando o passado ou transformando em passado o hoje vivido, não pode ser considerado como um mero capricho, principalmente por se tratar de um grande mestre como foi Machado. Tão na ordem do dia, o *Memorial de Aires* nos oferece elementos concretos que nos permitem afirmar que a memória é uma das formas de tornar vivo o que, na verdade, nunca esteve morto. Rememorar é, como ele mesmo nos diz, um olhar “para lá, para longe, para onde se perde a vida presente, e tudo se esvai depressa” (ASSIS, 2003, p. 23). Trazer para si os fatos datados não é apenas observar um tempo longínquo: é situá-los no presente, com todas as expressões adverbiais habituais de um dia: anteontem, hoje, agora.

Essa faculdade de rememorar a própria vida é dada aos homens comuns, entretanto só a alguns são permitidas as possibilidades de transformar as recordações em matéria viva, em ficção, em autoficção, em obra literária. A personagem Aires constrói o tempo, e, ao ressignificá-lo, o transforma e o preenche. Aires escreve para não esquecer, para se sentir

potencialmente vivo, participante, ativo. Aires é o próprio tempo pensado inscrito – transcrito - porque é movimento, porque é transição, porque é processo, enfim, porque é vida. Como também se movimentam a água e o ar, os Aguires não estão estáticos, vivem através da palavra.

Pensar sobre o Tempo é passar por ele e, ao mesmo tempo, estar preso a ele. Grafar o tempo é fazer-lhe pleno, perene, permanente. Lembramo-nos, aqui, do que afirma Gaston Bachelard (1994):

Acima do tempo vivido, o tempo pensado. Esse tempo pensado é mais aéreo, mais livre, mais facilmente rompido e retomado. É nesse tempo matematizado que estão as invenções do Ser. É nesse tempo que um fato se torna fator. Qualifica-se mal esse tempo ao dizer que ele é abstrato, pois é nesse tempo que o pensamento age e prepara as concretizações do Ser (BACHELARD, 1994, p. 24).

Memorial de Aires, portanto, é, para além da representação, a conexão constante que estabelece diálogos entre passado, presente e futuro, integrando tais dimensões no conjunto do que chamamos obra literária. O passado do autor é o presente da personagem que se torna futuro em seu tempo indefinido de recepção, através da palavra escrita, instaurada no eterno e, por isso mesmo, a grande salvadora daquilo que nunca se deseja perder.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGUIAR E SILVA, Vitor Manuel. *Teoria da Literatura*. 8. ed. Coimbra: Almedina, 1990.

ASSIS, Machado de. *Memorial de Aires*. São Paulo: Martin Claret, 2003.

_____. *Memorial de Aires*. In: *Obra completa*. Organização de Afrânio Coutinho. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1997. v. 1, p. 1.095-1.200.

_____. *Obra completa*. Organização de Afrânio Coutinho. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1997. v. 3.

BACHELARD, Gaston. *A dialética da duração*. Trad. Marcelo Coelho. São Paulo: Ática, 1994.

BACHELARD, Gaston. *A intuição do instante*. Trad. J. A. M. Pessabga, J. Raas, M.I. Raposo, M. L. C. Monteiro. Campinas: Verus Editora, 2007.

BENJAMIN, Walter. A imagem de Proust. In: *Magia e Técnica, arte e política: Ensaio sobre a Literatura e história da cultura - Obras escolhidas*. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1993. v. 1.

CASTAGNINO, Raúl H. *Tempo e Expressão Literária*. Trad. Luiz Aparecido Caruso. São Paulo: Mestre Jou, 1970.

FRANCO Jr., Arnaldo. Operadores de Leitura da Narrativa. In: BOCINI, Thomas; ZOFIN, Lúcia Osana (Orgs.). *Teoria Literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas*. Maringá: Eduem, 2003.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. *História e Narração em Walter Benjamin*. São Paulo: Perspectiva, 1994.

MARANHÃO, Haroldo. *Memorial do Fim: A morte de Machado de Assis*. 2. ed. São Paulo: Planeta, 2004.

MERQUIOR, José Guilherme. *De Anchieta a Euclides: breve história da Literatura Brasileira*. Rio de Janeiro: José Olímpio, 1977.

MEYER, Augusto. *Textos Críticos: Augusto Meyer*. Org. de João Alexandre Barbosa. São Paulo: Perspectiva, 1986.

PAZ, Octavio. *O arco e a Lira*. Trad. Olga Savary. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.

PAZ, Octavio. *Pedra de sol*. Trad. Horácio Costa. Rio de Janeiro: Guanabara, 1988.

Data de recebimento: 30 de junho de 2017

Data de aprovação: 7 de dezembro de 2017